Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest — 18 n.os	Trim — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).... ..	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1043

20 DE DEZEMBRO DE 1907

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.

O Regresso dos Expedicionarios do Cuamato

S. M. El-Rei D. Carlos colocando a Torre e espada no peito do Capitão Roçadas

Capitão Roçadas

No desembarque no Arsenal — O Capitão Roçadas depois de receber a Torre e Espada conferida por S. M. El-Rei D. Carlos (Vid. Cronica Occidental)

(Clichés Alberto Lima)

Chronica Occidental

De alegrias só tinha de contar esta cronica, que de festas foram estes dias, mas com tristesas tem de abrir porque está de luto o cronista.

Morreu o sr. Conde da Ribeira Grande irmão do nosso querido amigo D. João da Camara, e tanto basta para explicar a sua ausencia hoje nestas columnas. Em sua dôr o acompanhamos com nossos sentimentos, assim como a toda a ilustre familia, lamentando profundamente a perda do venerando fidalgo, da pura nobresa de Portugal, digno representante do descobridor da ilha da Madeira, João Gonçalves Zarco da Camara, primeiro navegador português que se aventurou aos mares desconhecidos e que para isso se ofereceu ao infante D. Henrique, como em Tanger se medira valorosamente com os moiros e na costa do Algarve batera os espanhoes.

D. José Maria Gonçalves Zarco da Camara era o 9.º conde da Ribeira, par do reino hereditario e mordomo-mór de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia. Era o prototipo do antigo fidalgo português, reunindo aquellas qualidades que distinguem a velha nobresa, destacando-se as virtudes cristans, que elevam o espirito e formam os corações bondosos.

Em tão alto grau possuia o ilustre finado essas virtudes, que em sua morte não quiz nenhuma das pompas com que o mundo distingue os grandes mortos. Seu espirito de humildade cristan prevaleceu a todas as grandezas da terra.

Quiz que seu funeral fosse o mais modesto possivel e sua mortalha o habito de Nossa Senhora da Conceição, em vez da farda luzente de bordados e constelada de comendas. Que pobresinhos humildes o acompanhassem á sepultura e para que estas disposições não prejudicassem interesses que respeitava, mais determinou que ao paroco se satisfizesse a oferta como se o enterro fosse de pompa.

Era assim o fidalgo, que lusido e numeroso acompanhamento seguiu até á ultima morada, nelle se fazendo representar toda a familia real.

Mais não cabe dizer a esta hora e neste logar. Outra será a homenagem do Occidente á memoria do ilustre descendente de um heroe da nossa historia, cujas cinzas jazem no velho convento de Santa Clara, na Ilha da Madeira, onde morreu tão velho, que delle diz Azurara «se fasia levar ao cólo de homens ao sol onde estava sustentando a velhice, praticando e governando a justiça».

E agora, ai de nós, a quem pertinaz constipação detem a dentro das quatro paredes do gabinete de trabalho, tendo de falar de festas e de heroes, que encheram nestes ultimos dias os noticiarios de todos os jornaes.

Poucas vezes se terão ocupado de coisas tão magnificas como as que tem decorrido desde que chegaram os expedicionarios do Cuamato, principiando pela recepção patriotica que lhes foi feita, em que a alma nacional abriu seus tesouros de amor em amplexos fraternaes, para apertar contra o coração seus irmãos que regressavam de longes paragens ainda quentes da luta, mas vitoriosos como os antigos guerreiros coroados de louros.

Esta estafada figura de rétorica foi agora uma realidade. Os soldados não trasiam louros, mas o povo enfeitou-lhe as armas fumegantes com elles e em triunfo os acompanhou pelas ruas de Lisboa num delirio indiscritivel, em que soldados, e povo se confundiam abraçando-se, beijando-se e misturando lagrimas que de muitos corações, transbordando de alegria, chegavam aos olhos desafogadamente.

Nem outra coisa podia ser para almas portuguêsas, onde o heroismo tem seu culto, porque de heroismos se formou este povo.

Do valoroso capitão que condusio os seus soldados á vitoria se poderá dizer, com verdade, como Cesar disse ao senado annunciando-lhe a rapidês da victoria que alcançara sobre Pharnace: *Veni, vidi, vinci.*

Ainda hontem o povo os vira partir, e quantos com tristeza assistiriam ao embarque receando pela sorte daquelle punhado de homens que ia bater-se com inimigo tão numeroso e aguerrido, orgulhado pela derrota que ha três annos infligira ás nossas armas.

Pois não tardou muito a desforra, calculada, medida, prevista pelo ousado capitão.

Para elle se estenderam milhares de braços que o queriam levar vitorioso ao desembarcar no Arsenal; para elle se encaminhou logo El-Rei D. Carlos para lhe dar o primeiro abraço do povo.

De si tirou El-Rei a venera da Torre e Espada para a colocar ao peito do capitão Roçadas, no meio das palmas e aclamações da multidão. Sobre o heroe cahiram as primeiras flôres, como elle cahiu nos braços da esposa e da mãe, que ali o aguardavam com seus filhinhos.

E quantas esposas lá estavam, quantas mães, quantas irmans e irmãos, e destas scenas se repetiram, que a pena não póde descrever.

Era noite já quando os ultimos expedicionarios desembarcavam do *Africa* para o Arsenal, e o povo esperava ancioso vel-os passar nas ruas de Lisboa, para os saudar triunfantes. Um velho veterano rompeu por entre a multidão para abraçar o heroe do Cuamato, que a custo podia seguir, no seu cavalo, por entre as massas compactas. Das janélas, milhares de mãos femininas lançavam flôres sobre os heroes; finos lenços de rendas agitavam-se no ar suspensos de dedos delicados, as palmas e os vivas abafavam as musicas e um himno de aclamações acompanhou os expedicionarios até seus quarteis.

Os entusiasmos não arrefeceram; aquece-os o fogo sagrado do amor da patria, que em seus filhos continua a ter o mesmo sangue que ha nove seculos o alenta.

No dia seguinte, o venerando templo dos Jeronimos, monumento de tantas glorias, abriu suas portas para receber sob as seculares abobadas os filhos desta «ditosa patria», e pelas naves resoaram os canticos cristãos dando graças ao Rei dos Exercitos pela vitoria alcançada. Largamente dissertou o reverendo D. Antonio Barroso, bispo do Porto, como o que bem avaliava todo o esforço dos bravos soldados nos sertões de Africa, que elle conhece de perto porque nelles passou os melhores annos da vida, nas missões da Fé cristan, guarda avançada da civilisação.

Esteve o templo cheio. A familia real e a côrte, corpo diplomatico, ministerio, dignidades eclesiasticas, alto funcionalismo militar e civil, todos que tiveram a sorte de lá poder entrar, emquanto cá fóra a multidão se apinhoava estendendo-se pelo largo dos Jeronimos, rua de Belem, praça D. Fernando até á Junqueira, onde deviam recolher os expedicionarios. E por todos estes caminhos a população os vitoriou num fernezim de aclamações que sahiam expontaneas, livres, dos peitos incendidos de entusiasmo.

Na segunda-feira, 16, houve a distribuição da medalha D. Amelia das Campanhas de Africa aos expedicionarios. Esta ceremonia, uma verdadeira festa militar, realisou-se na sala do Risco. Não sabemos a razão porque se não fez ao ar livre, no hipodromo, por exemplo, vasto campo onde poderiam comparecer todos os corpos da guarnição de Lisboa, pelo menos, para que a ceremonia tivesse todo o aspéto marcial de uma festa militar e o exemplo melhor colhesse ao soldado, testemunha das distinções conferidas aos seus camaradas, que mais levantaria seus brios. O povo tambem sentir-se-hia mais orgulhoso, vibrando fundo o sentimento da patria que engrandece.

Entre o hipodromo de Belem e a sala do Risco, era preferivel o primeiro, mas teve de ser na segunda e ali foram Suas Magestades com a côrte, os diplomatas estrangeiros e ministerio, oficialidade de terra e mar, e contingentes dos corpos da capital.

Antes da distribuição das medalhas, El-Rei fez aos expedicionarios a seguinte fala:

«Oficiaes expedicionarios; soldados de terra e mar:

«E' profundamente commovido que, como chefe da grande familia militar, venho saudarvos pelos feitos brilhantes que praticasteis e que tanto fizeram vibrar a alma da Patria, como se viu pelo modo como fosteis recebidos.

«Todos, abandonando quaesquer ideias, se reuniram para vos saudar, pensando apenas na grandeza da nossa Patria.

«Seja-me permittido lançar nesta festa uma nota triste: a lembrança daquelles que, caindo no campo da gloria pelejando pela Patria, deixaram os seus nomes escritos nas paginas da Historia em letras rubras, rubras como o sangue que derramaram nos campos da batalha.

«Fomos grandes outr'ora pelos nossos descobrimentos; em toda a parte o nome português foi grandioso.

«Essa mesma Africa, onde agora pelejasteis, póde ainda ser o nosso futuro, a nossa maior riqueza. E' preciso que todos nos unamos, e trabalhemos para tornar grande a nossa Patria, e grande a tornaremos emquanto tivermos portuguêses que a saibam engrandecer como vós todos soubesteis.»

Estas palavras foram acolhidas pelo numeroso auditorio com calorosos aplausos e palmas.

Depois, a Rainha foi dando a cada expedicionario a sua medalha, sendo o primeiro a recebel-a o capitão Roçadas á frente dos seus companheiros de batalha.

Então por cada expedicionario premiado ressoavam na sala salvas de palmas e vivas, e isto durou umas duas horas sempre com o mesmo calor e o mesmo pulsar de corações jubilosos.

Nos dias subsequentes tem-se sucedido os jantares de festa.

No Avenida-Palace o dos oficiaes expedicionarios oferecido ao capitão Roçadas; na Sociedade de Geografia o banquete oferecido aos oficiaes de marinha que tomaram parte na expedição, assistindo o capitão Roçadas e ministro da marinha; no Paço da Ajuda o banquete oferecido por El-Rei aos oficiaes expedicionarios, e que foi uma festa altamente significativa do grande apreço em que Sua Magestade tem os feitos praticados pelos valorosos expedicionarios.

Ao *toast* El-Rei levantou um brinde nas seguintes commevedoras palavras:

«Os nossos homens de armas de terra e mar acrescentaram mais uma pagina brilhante ao livro fulgurante da nossa historia colonial, mostrando-se sempre heroicos e sempre dignos descendentes dos seus antepassados. A campanha contra os cuamatas, foi uma verdadeira epopeia que é justo referir com altivez e admirar a orgulhosa valentia do soldado português confirmada nessa campanha com inexcedivel gloria.

«Lembremo nos, porém, que alguns dos expedicionarios encontraram em rudes combates a sepultura em terra africana, sendo para elles toda a nossa admiração, todas as demonstrações de tristezas e dêsse sentimento tão proprio dos portuguêses em cuja linguagem ha só umas palavras que o exprime: — « A nossa infinita saudade».'

«Aos outros, aos que lograram voltar cobertos de gloria e que neste momento estão comnosco, eu como chefe da nação e do exercito, saúdo calorosamente.»

Agradecendo o brinde, exprimiu-se nos seguintes termos o capitão Roçadas:

«Agradeço em meu nome e dos meus companheiros d'armas os louvores de el-rei que muito me sensibilisam. E devo dizer em minha consciencia, entendo que só cumpri o meu dever, porque é esse o lêmma da familia militar portuguêsa, como eu aprendi nas escolas e de todas as amarguras, dificuldades, perigos e transes dolorosos que a campanha representou estavam recompensados com a fortuna do que acaba de ouvir dizer a el-rei.»

«De resto, nas horas de maior angustia, nunca me faltou nem aos expedicionarios o apoio que el rei, o principe real e a rainha generosamente sempre deram com os seus votos que a tão longe enviaram interessando-se pelos feridos e doentes.»

E festas continuarão ainda por muitos dias, que o acontecimento vibrou fundo em todos os corações agradecidos, pelos que tão alto levantaram o nome da patria.

De um extremo ao outro do país percorre o mesmo entusiasmo da capital. Dizem-no os telegramas que de toda a parte chegam, congratulando-se os povos pelo feliz regresso dos expedicionarios.

Em muitas terras preparam-se festas publicas para o celebrar.

Na Guarda, aquartelamento de infanteria 12 donde são os expedicionarios, será maior o regosijo quando ali regressarem.

Daqui a poucas horas de escrevermos esta cronica, partirão os expedicionarios, no comboio que sae da estação de Alcantara, e por essa linha fóra, em cada povoado que passarem, serão vitoriados até á Guarda.

Felizes dos paes que puderem beijar seus filhos no regresso; dos irmãos que os poderem abraçar, e muitas lagrimas de alegria e de dôr se hão-de confundir, porque nem todos voltam, e os que faltam morreram pela patria que tambem os chora.

No meio do entusiasmo que tão justificadamente se acende em nossas almas, não esqueçamos aquelles que tambem concorreram com seu esforço para a vitoria alcançada e que em seu posto ficaram em Africa.

Não! não devem ser esquecidos na mãe patria que, como todas as mães o é para todos seus filhos em amor e carinho.

Lá muito longe ficaram, mas das saudações feitas aos seus companheiros de armas, elles partilham como se aqui os houvessem acompanhado, que na guerra juntos combateram.

Vae longa a cronica, mas o assunto é de tal magnitude que ofusca toda a politica dos ultimos dias.

Quando mais parecia acender-se com as reuniões magnas dos partidos, veio o governo declarar pelos seus orgãos oficiosos que, «visto a acalmação politica, ia afinal convocar os colégios eleitoraes para as eleições em março ou abril».

Uma tempestade num copo de agua.

Caetano Alberto.

O Regresso dos Expedicionarios do Cuamato

2.º tenente de marinha, Costa Rego — 2.º tenente de marinha, Almeida Martha — 1.º tenente de marinha, Victor Sepulveda
Alferes, Francisco de Passos — 2.º tenente de marinha, Teixeira Marinho — Tenente, Faria Beirão
Alferes de cavallaria, José da Costa — Alferes da administração militar, Abeillard Saraiva — Alferes Domingos Ferreira — 2.º tenente da marinha, Alvaro Penalva
Alferes da administração militar, Oliveira Tristão — Tenente de artilheria, Justiniano Augusto — Alferes, Esteves Figueiredo — Tenente. Joaquim Montez Martins
Alferes, Borges Bicudo — Capitão Eduardo Marques, chefe do Estado Maior — Capitão Francisco Pimentel, commandante da companhia de infantaria 12

OS OFICIAES EXPEDICIONARIOS

Solemnisação da victoria das tropas portuguezas contra os cuamatas no Atheneu Commercial do Porto

---

A recente e gloriosa victoria das nossas armas na campanha contra os Cuamatas echoou vibrante e intensamente em todos os corações, ainda portuguezes, de um extremo ao outro do nosso paiz.

Bem natural foi que assim succedesse, pois mais uma vez sobre as tantissimas de que opulenta a historia da nossa patria, levantada e distinctamente se assignalaram ahi o valor e a pujança destemidos de seus soldados não esquecidos para o grande feito, que realisaram, das immarcesciveis memorias do glorioso passado do nosso paiz, e sobre o serem incitados a vingarem nobremente, com seu esforço, a morte traiçoeira e selvatica com que ha annos trucidados foram, n'essas paragens, alguns de seus camaradas.

Novo padrão para a gloria das quinas em tal modo levantado fica, e cimentado com sangue portuguez, em terras tão fartamente com este regadas, e nova e radiantissima façanha a engransar no tão longo, longuissimo rosario que d'ellas memoram os patrios fastos.

E se certo é, que o alvoroço por ella suscitado na alma portugueza não produziu, na apparencia das cousas, o alarde e hosannas que voz em grita motivou o memoravel e inexquecivel feito de Mousinho d'Albuquerque sobre o Gungunhana em todo o Portugal, o que devido ao angustioso dos

O regresso dos Expedicionarios do Cuamato

O sr. Presidente do Conselho
apertando a mão ao sr. Capitão Roçadas no desembarque
Ao fundo vê-se a Ex.ma esposa do valente oficial

sempre bem e adequado logar o registo de tudo o que exalça esta boa terra e amada patria, cuja situação no mundo elle assignala, a nota da notabilissima commemoração não é meu intento o esmiuçar, apezar de bem o valer, e a vontade bem m'o pedir, tudo o que de levantado, suggestivo e para incondicionaes applausos em si enfeixaram esses tres discursos e as poesias recitadas, mas apenas tangencear mui ao de leve, superficial e apagadamente, o que de mais impressionavel para mim resaltou d'aquelles, assenhoreando-se do meu espirito e movendo o a vehementes applausos.

Estas impressões as colhi dos extractos publicados nos jornaes, e por esses apenas — ai de mim! — posso formular meu juizo, a que irresistivelmente accudiram os tão sabidos e lembrados versos dos *Lusiadas:*

Melhor é experimental-o (1) que julgal-o;
Mas julgue-o quem não póde experimental-o.

O réverendo Martins d'Almeida, o primeiro dos oradores, entôa em todo o seu discurso um hymno vibrante e férvido de enthusiasmos e commoção em honra da patria, abrangendo e compendiando em suas diversas estrophes todas as heroicidades passadas do povo portuguez, tão luminosamente agora coroadas com a tomada do Cuamato grande.

O sr. dr. Eduardo Pimenta, o segundo dos oradores, indo no encalço do que o precedera, abrindo-

empos de agora, certo é tambem que no fundo da alma portugueza vibra ella intensamente, robustecendo-lhe e acrisolando-lhe a fé e esperança em melhores tempos.

E tanto assim foi que, apezar do facto que fica registado, aqui e alli o amor patrio rompeu na mais irresistivel ebullição a crusta que o comprime, e veio a publico traduzir-se em threnos de dôr pelos mortos e vivas de alegria e honra pelos vivos, e em calorosos *hourrás* pela patria.

Das manifestações que em tal maneira se exhibiram pertence o primeiro logar, o de honra, ao Atheneu Commercial do Porto, sempre na vanguarda desde todo o inicio de sua existencia e dês os tempos em que ainda não havia a denominação actual, a celebrar, a festejar calorosa e radiantemente todos os acontecimentos notaveis e interessantes para o nosso amado Portugal.

Não desmereceu das tantissimas e tão suggestionantes tradições de seu passado, a contar da celebração do tricentenario de Camões, a commemoração da victoria alcançada pela força do commando do valente capitão Roçadas contra os Cuamatas, realisada em 3) do passado, e assignalando ella padrão memoravel para os fastos do Atheneu, ficará sendo uma pagina brilhante sob mais do que um ponto de vista da propria historia do nosso paiz, resaltando entre esses aspectos como radiantissimo o que lhe marcaram e timbraram os tres notaveis oradores e o preclaro poeta por quem celebradas e tão egregiamente enaltecidas essas ultimas victorias portuguêsas em Africa.

Trazendo ás paginas do Occidente, onde tem

OS EXPEDICIONARIOS NO VAPOR QUE OS CONDUZIU Á PONTE DO ARSENAL

OS EXPEDICIONARIOS DESEMBARCANDO NA PONTE DO ARSENAL *(Cliché Alberto Lima)*

se, porém, novos e amplos horisontes, esboça a rapidos mas carecteristicos e vigorosos traços toda a historia, já tão longa e luminosa, de Portugal, assignalando lhe aqui e ali, com postes altaneiros destacando-se no conjuncto, os successos mais extraordinarios e os homens mais notaveis e benemeritos dos tempos idos.

Ambos os brilhantes oradores foram muito e justamente applaudidos, assim como o foi o sr. dr. Bernardo Lucas que em seguida recitou primorosamente as poesias *Passagem do regimento* e *A' mocidade das escolas*, esta do eminente vate Guerra Junqueiro.

Foi o ultimo a falar o sr. conselheiro José d'Alpoim, e qualquer outro que não elle, ou quem, como elle, tão nobilitante posto haja conquistado no nosso mundo social e literario, motivo daria para receios de que o assumpto a versar já não offerecesse novidades e aspectos diversos d'aquelles sobre que acabava de ser luminosamente encarado e apresentado, e que assim, a attenção do numerosissimo e selecto auditorio não podesse ser presa e subjugada pelo verbo do orador.

Se este receio, porém, apesar das seguras garantias do passado a varrel-o, entrou no animo de alguem, bem depressa, e desde os primeiros pe-

1) Melhor fôra *ouvil-o* e *vêl-o*...

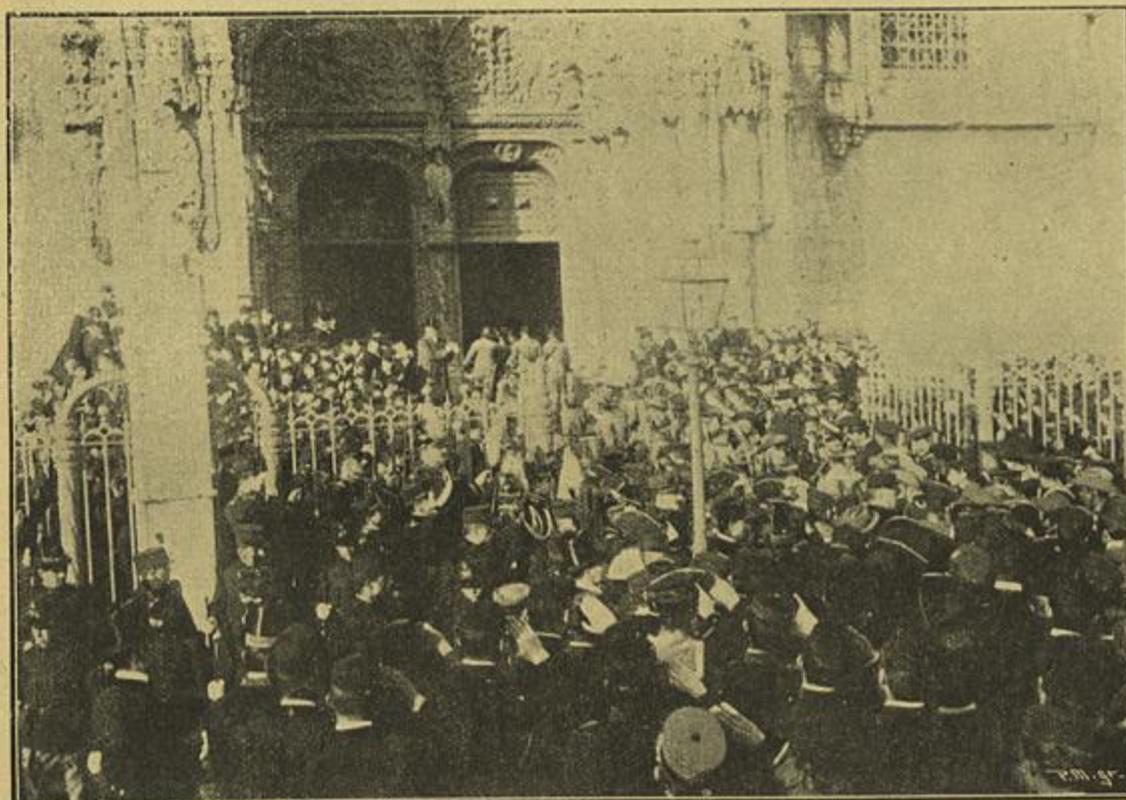
O Regresso dos Expedicionarios do Cuamato

riodos soltos pela voz potente, e seguramente modelada á feição da frase, do preclaro tribuno o diluiu e apagou de todo, que em reptos da mais sentida e vibrante eloquencia se empolgou elle da attenção, da sympathia e da admiração de todos os ouvintes, e todos teve presos de sua palavra quente, sincera, verdadeira, eminentemente humana e intensamente patriotica, até á ultima frase que lhe brotou dos labios.

Raras vezes no nosso paiz, certifican o todos os que tiveram a boa fortuna de ouvir o sr. conselheiro José d'Alpoim n'essa memoranda sessão, e acima de tudo põem a consagração da verdade, a eloquencia tribunicia tem entre nós attingido as alturas a que s. ex.ª ahi a levantou, não lhe quebrantando nem diminuindo em cousa alguma a virtualidade da larga e poderosa envergadura com que até lá se librou, nem os rebates ainda não de todo dissipados da doença de que apenas convalescente, nem os cuidados momentosos, e de todo o momento, da lucta nacional, melhor do que politica, em que tão valente e nobremente empennado, nem a difficuldade da missão commettida, e se já desde muito s. ex.ª não fôra considerado como um dos primeiros oradores do nosso paiz na actualidade, por certo que como tal bastaria a consagral-o esse seu maravilhoso discurso.

Maravilhoso, sim, pois n'elle se conjugaram em harmonioso e unisono conjuncto com os primores de elegancia e da mais vernacula das locuções, o apropriado e sempre seguro appello de suggestionantes citações historicas, o mais vehemente e ferveroso e incondicional amor da patria, e a mais intima e sentida devoção pela liberdade, tudo en tretecido, aquecido, illuminado e electrisado com rasgos e reptos de pujantissima e dominadora eloquencia...

Rodrigo Velloso.

S. M. a Rainha D. Amelia sahindo dos Jeronimos depois do «Te-deum» *(Cliché Benoliel)*

No «Te-deum» — Os expedicionarios entrando nos Jeronimos *(Cliché Benoliel)*

A rebelião na Guiné portugueza

II

Depois de escripto o primeiro artigo sobre a Guiné, foi alterado o plano de operações, resolvendo se estender estas a toda a provincia, bater as regiões cujos povos se conservem insubmissos, obrigar ao pagamento do imposto aquelles que até agora se tenham negado a fazel-o, e castigar o régulo de Cuór pela afronta feita na pessoa do commante militar de Gêba.

Parece nos muito. Nem o curto periodo de suspensão das chuvas chega para tão largas operaçoes, nem as tropas expedicionarias compostas na sua maioria de europeus, resistiria a uma campanha tão longa, a um tão prolongado periodo de fadigas, n'um clima como o da Guiné Não são da nossa competencia estas considerações, vieram-nos ao correr da penna. Os illustres officiaes d'estado maior, a quem está incumbido o organisar as forças e formular o plano de operações, já

A caminho dos Jeronimos *(Cliché Benoliel)*

De volta ao quartel *(Cliché Alberto Lima)*

(Vid. Cronica Occidental.)

seguiram para aquella colonia onde foram proceder a reconhecimentos e estudos do meio e do terreno e o seu trabalho resultará, estamos certos, acertado, como é de esperar da sua capacidade e competencia.

Está, portanto, resolvido bater toda a provincia, assim se conclue das noticias publicadas — Bissau, Gêba, Cacheu e Farim e talvez tambem Buba, porque noticias particulares que recebemos dão aquella região tambem em estado de rebellião, pelo menos no Crobal.

O estado de insubmissão do gentio de Bissau é antigo. Um velho negociante portuguez, n'uma *interview* com um dos redactores das *Novidades*, que o mesmo jornal publicou, disse — que o gentio de Bissau precisava ser castigado, mas que se devia esperar a oportunidade de o fazer . — Chegou essa oportunidade?

Deve, a seguir, continuar-se as operações em Gêba a fim de ser castigado o régulo Infali Sancó, pelo desacato ao commandante Fortes e pelos seus ataques armados contra o régulo Abdulay, nosso amigo e alliado. Esta parte, porém, cremos que será dispensada porque n'esse ponto já o governador da provincia começou as operações victoriosamente, assim foi communicado telegraficamente ao governo ha alguns dias. Uma pequena columna composta com os elementos que se puderam obter na provincia, bateu já o gentio de Badóra, alliado do Infali, infligiu-lhe bastantes perdas, queimou lhe uma *Tabanca* e obrigou-o a fugir para o territorio francez (que é bastante longe). Com pouco mais ficaria dado o desejado castigo. A força da metrópole pouco mais alli poderá fazer.

O referido plano diz que se seguirá depois o Oio, na circumscripção de Farim, onde cremos que as tropas irão encontrar concentradas todas as forças hostis ao governo.

Depois, em Cacheu, baterão *papeis* e *manjacos* da Costa de Baixo e Caió.

No fim de toda esta campanha ter-se-ha dispendido muito dinheiro, consumido algumas vidas e quaes serão os resultados positivos? Insignificantes!

Os nossos officiaes e soldados terão, certamente, mais uma occasião de mostrar o seu valor, a sua abnegação, o seu patriotismo, a sua sobriedade, a sua resistencia,... etc., etc., mas a Guiné ficará na mesma. Não é porque assim o desejemos que tal dizemos, muito ao contrario, desejariamos ver aquella riquissima colonia de uma vez para sempre pacificada, produzindo o muito que deve produzir. Mas, tantas campanhas gloriosas se tem feito n'aquella malfadada colonia e não vêmos ainda que d'ellas se tenha tirado algum resultado positivo.

Parece-nos que não será com balas e baionetas que lá havemos de implantar a civilisação e a paz.

D.

CITA MORS RUIT

(Da *Lyra Germanica*)

(Geibel.)

O mais celebre corredor é o da Morte:
Nem o vento, o suão ou o algio norte;
E' fulvo, e não gosta de jaez;
E em a corda estalando, vae a setta
Direita ao coração, a grande meta,
Por ella assim bem posta em algidez.

Por montes e valles, cidades ou aldeias,
A' clara luz do sol, ou á baça das candeias,
Se enxerga da amazona o lugubre galgar;
E a Furia vae voando, e vae-se eclipsando,
Atraz de si deixando tristezas, echoando
Nos sinos das egrejas, plangentes a tocar.

Não sejas pois altivo, ó filho da mulher!
P'ra a Morte vales tanto, como outro ser qualquer,
E ainda que na fronte ostentes c'rôas mil:
Gastando-se a ampulheta, e em a hora certa vindo,
Assim com uma aura as folhas impellindo,
A ti te impelle a Morte, ou grande, ou sejas vil.

Alexandre Fontes.

Conselheiro Carlos Ferreira dos Santos e Silva

No mundo das finanças como na alta sociedade portuguêsa é o sr. Conselheiro Carlos Ferreira dos Santos e Silva, conhecido por um verdadeiro *gentleman* que sabe aliar as asperezas dos negocios com os requintes de delicadêsa e finura do diplomata. Não admira que assim seja quem na sua ascendencia conta homens ilustres por seu saber e elevados cargos que desempenharam, com superior intelligencia, na diplomacia e no alto clero.

Basta saber que o sr. Conselheiro Santos e Silva é neto do primeiro barão de Santos e sobrinho do barão do mesmo titulo, diplomata distintissimo, que foi enviado extraordinario e ministro plenipotenciario na côrte de S. Petersburgo.

O falecido Cardeal D. Americo, Bispo do Porto, era seu tio, como o era tambem o barão Ferreira dos Santos, bem conhecido e a quem os governos confiaram diferentes missões diplomaticas. Filho de Carlos Ferreira dos Santos e Silva, falecido ha annos, e que fundou a casa bancaria Fonseca, Santos & Vianna, das primeiras da nossa praça, e que foi muitos annos presidente da Associação Comercial de Lisboa

O sr. Conselheiro Carlos Ferreira dos Santos e Silva, seguiu como seu pae, a carreira do alto comercio, para o que se habilitou com os cursos necessarios em que foi distinto, passando depois á pratica, em que melhor completou sua educação comercial.

Cons. Carlos Ferreira dos Santos e Silva

Do superior criterio com que tem sabido desempenhar-se dos negocios da alta finança, atesta o a sua casa bancaria, e a confiança que poderosas companhias estrangeiras tem depositado no sr. conselheiro Santos e Silva, nomeando-o seu representante em Portugal, como são as companhias inglezas de cabos submarinos: *Eastern, Western Telegraph, Europe, Açores Telegraph, West African Telegraph* e *Eastern South African Telegraph*. O sr. Conselheiro Santos e Silva é presidente do conselho de administração da Companhia de Moçambique e administrador da Companhia Geral de Credito Predial Português.

N'estes importantes cargos exerce o sr. Conselheiro Santos e Silva sua átividade, o que não impede de ainda ter tempo para frequentar a alta sociedade como qualquer financeiro da City.

O sr. Conselheiro Santos e Silva foi deputado ás côrtes por um dos circulos da capital, em 1893, representando condignamente o corpo do comercio, onde é altamente estimado.

Agora o governo nomeou-o presidente do Conselho de Administração do Porto de Lisboa, nomeação que foi bem recebida pelo publico, e pela qual felicitamos o sr. Conselheiro Santos e Silva, publicando o seu retrato, como homenagem a seus grandes merecimentos.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XII

(Continuado do n.º 1042)

Aberto o testamento ficaram todos os bens na mão do confessor, a quem o almirante beneficiára com uma pensão. Cienfuegos não era homem que se contentasse com quinhentas patacas anuaes e tomou para si a pingue comenda de Albuquerque.

Começaram então a venda das alfaias, mobiliario, pratas, joias e pinturas que o almirante trouxera para Portugal e que foram outros tantos negocios de mão cheia para os partidarios de Carlos III.

Como já houve ocasião de vêr-se, foram adquiridas por este as joias e as telas preciosissimas que D. João de Cabrera possuia e que valiam o tresdôbro do preço da venda. Mas o melhor negocio não foi este. A testamentaria não recebeu dinheiro algum.

Dos noventa e tantos contos da compra, oitenta e cinco ficáram rendendo juros, a 4 por cento, na mão do pretendente.

Até 1722 foi o caso bem. Por mais de uma vez foi o padre Francisco da Fonseca, comissionado pelos testamenteiros, receber a Viena de Austria os juros vencidos. Em 1716 esse dinheiro junto a outro, que resultára de vendas posteriores, foi depositado em diferentes bancos. Em Viena ficaram cento e sessenta contos, em Napoles trinta e na medianata de Milão, quinze. O restante foi enviado em letras para Portugal.

Depois de 1722 não acho nota, nos livros das contas de Casnedi, do pagamento dos juros dos oitenta e cinco contos. E' de prever que o negocio se liquidasse com a limpesa de mãos ináta em Cienfuegos, no principe e no rei.

Todos elles se entendiam muito bem e o dinheiro ainda se entendia melhor com elles.

As pratas do bom almirante foram compradas pelo rei de Portugal, D. Pedro II dispendeu na sua acquisição pouco mais de trinta e dois contos, pagos de prompto a Casnedi. Cienfuegos não viu com bons olhos esta venda, a prompto pagamento. Lá lhe custava vêr passar tão perto aquella maquia sem a fazer reverter em proveito do seu constituinte! Os cem mil cruzodos tinham ido direitinhos para Roma, depositados á ordem de Casnedi, até se vêr quem alcançaria o trôno de Espanha. Cienfuegos na ausencia do rei Carlos, que partira para a Catalunha, forjou então um protesto caviloso a el rei de Portugal, assinado por todos os legatarios da testamentaria, em que mostrava o perigo da remessa do dinheiro, porque o embaixador de França o poderia tomar, á conta de Filipe de Anjou ter dado, em tempo, sentença de morte e de confisco de bens a D. João de Cabrera.

O ardil empregado teve bom resultado.

D. Pedro 2.º que ainda se não tinha metido á bálha, interveio, por sua vez, mandando passar uma citação aos administradores da herança prohibindo-os de enviar o dinheiro para fóra e que, se algum já tivesse ido que fôsse dada ordem para voltar pelo mesmo caminho. Assim se fez. O dinheiro que já tinha ido foi reenviado e para que a quantia total não ficasse estéril, decidiram os administradores, pô-lo a render juros, a 4 por cento, nos direitos do sal de Setubal. Em abono da verdade deve dizer-se que os juros foram sempre pagos, o que já não aconteceu com o dinheiro fiado a Carlos 3.º, nem com aquelles malfadados quarenta e cinco contos que lá ficaram em Napoles e na Medianata de Milão.

Cienfuegos ficou furioso vendo, mais uma vez, escapar-se-lhe o dinheiro, e escreveu ao pretendente comunicando-lhe o facto. Em resposta foram-lhe conferidos plenos poderes para zelar os sagrados interesses de Carlos 3.º. Maravilhosa resposta!

Em pouco tempo arranjou outro estratagema que deu melhor resultado que os primeiros e foi elle conseguir que D. Pedro 2.º mandasse, por um dos seus ministros, citar Casnedi, para apresentar perante o governo português, contas minuciosas do inventario do almirante.

Citado o jesuita, respondeu que nada podia deliberar sem consultar os padres portuguêses que lhe tinham confiado, a elle, a parte que lhes competia naquella administração e requeria ao mesmo tempo que lhe fosse permittido entregar-lhes todos os negocios da testamentaria, desgostoso de tantas calunias de que era alvo, chegando a ser acusado pelos seus detratores, de agenciar em Roma compra de dignidades e de dár sumiço á maioria dos bens á sua guarda.

A el-rei, pareceu lhe bem isto, diz o Padre Antonio Franco, cronista desta monumental poucavergonha. Casnedi entregou tudo a quatro padres portuguêses, examinaram-se as contas, fez-se novo inventario e dez dias depois era lavrada a sentença em todo o ponto honrosa para elle.

As culpas de que o arguiam, não foram provadas — Casnedi dera efectivamente alguns objectos mas de valor insignificante. Por exemplo: aos padres capuchinhos oferecera um macho, uma caixa para tabaco, alguns livros e todo o chocolate que o almirante possuia.

As outras dádivas não excederam a importancia desta. Alguns vestidos, um relogio, um par de tesouras, dois bridões, dois alfanges, dois frascos de polvora, dois pistoletes, escudelas, sombreiros, uma sella e outras miudezas, foram oferecidas a João de Leiros pela corretagem das tapeçarias coisa de pouca monta, tanto mais que o codicilo do testamento o punha ao abrigo de qualquer calunia, dizendo muito claramente que elle podia dispôr de tudo quanto ficava á sua guarda.

Os padres portuguêses ficaram portanto superintendendo na testamentaria e logo de entrada tiveram, muito contra a sua vontade (é de prever), de fazer um empréstimo de cem mil cruzados, para as despezas da guerra, ao insaciavel Carlos 3.º, emprestimo de que ficou por fiador o rei de Portugal. Como a administração não tivesse de prompto aquelle dinheiro, Cienfuegos, que descobrira ocasião de fazer das suas, passou a divida a um negociante que deu o dinheiro ao pretendente, pondo a cargo da testamentaria os juros que Carlos 3.º devia pagar, de sorte que os bens do almirante ficaram onerados pela divida e pelos juros, e o seu constituinte ficou com o dinheiro, não pagou juros e deixou comprometido o nosso pacifico D. Pedro 2.º.

Este padre Cienfuegos se fosse hoje advogado ou estava milionario ou preso. D'aqui é que não ha que fugir.

O sacro colégio entretanto dispensava-lhe singular proteção. Em 1720 foi feito cardial. Quando o padre Antonio Franco estava escrevendo a sua obra, sempre citada, era elle embaixador de Espanha, em Roma.

Casnedi teve futuro mais modesto. Morreu em Portugal, sendo Visitador e Provincial. Nem a tanto devia aspirar. (9)

*

Saibamos agora do destino dos restantes bens da testamentaria. O autor, tantas vezes citado, da Historia do noviciado avalia em quatrocentos mil cruzados a divida de Carlos 3.º. Cento e sessenta mil já vimos como lá lhe foram parar por empréstimo. Dos restantes duzentos e quarenta, talvez elle soubesse do caminho por que foram; não lhe conveio dizê lo naturalmente.

Mas não foi só essa sangria que debilitou a famosa herança. Outras se lhe seguiram. Muitos fidalgos dos melhores e mais bem cotados, ahi foram refazer os seus bens desfalcados e comprometidos.

O conde de Unhão devia mais de doze contos de réis, D. João de Lacueva e Mendonça vinte e quatro, o marquês de Louriçal seis contos e quatrocentos mil réis, D. Luis de Portugal perto de sete contos, sem falarmos noutros devedores de menor categoria como José Felix da Cunha, Martinho Velho Oldemburgo, Manoel Ignacio da Costa, Antonio Rebello de Andrade e outros que deviam todos juntos a bonita soma de quarenta e um contos e quatrocentos mil réis. (10).

Os rendimentos da testamentaria achavam-se reduzidos em 1723 aos juros de duzentos e tantos contos de réis, colocados no Banco de Viena, nos direitos do Sal de Setubal e no Conselho Ultramarino, afora outras menores quantias mal paradas em mãos de particulares.

Em um apontamento do padre José Rosado, que foi o ultimo administrador da herança, ainda aparecem escrituradas outras dividas na importancia de cêrca de cento e vinte e cinco mil cruzados. Entre ellas avulta uma de doze contos, tomadas por emprestimo pelo noviciado da Cotovia.

Tal foi o destino da maioria dos bens do almirante tornados em meios de agiotagem, e perdidos no abismo de ambições que se abriu diante daquella catarata de oiro.

*

Feita a paz de Utrecht, em 11 de abril de 1713, resolveu-se finalmente a questão magna do testamento. Felipe de Anjou tomou posse do trono de Espanha e Lisboa foi a escolhida pela sorte, para séde do colégio das missões.

A testamentaria, ultimada a guerra, julgava poder reforçar os seus cofres com parte dos bens que tinham ficado em Espanha, mas ainda desta vez foi iludida por aquella alma danada de Cienfuegos. A conselho delle, Felipe de Anjou, tomou para si todos esses bens que eram o mais importante da fazenda de D. João de Cabrera. Só palacios tinha elle cinco, disseminados por ambas as Castellas sem falar nas extensas propriedades com que a corôa se ficou regalando.

Felipe V e Carlos 3.º foram sem duvida alguma os mais favorecidos herdeiros do almirante.

E o colégio das missões fez-se? — perguntará o leitor.

Nunca passou dos alicerces, responderei eu, e mesmo assim estes só se iniciaram em 1755, cincoenta annos depois da morte do ferrenho partidario do arquiduque de Austria.

De 1723 até 1751 ha uma manifesta lacuna nos papeis e contas da testamentaria. A que deva atribuir se, não sei.

Só neste ano é que a vejo dar sinal de si na compra da quinta dos Lobatas, na Amóra, que, por sinal, lhe custou para cima de dois contos de réis. (11)

Em 1755 foi pela mesma, adquirida outra quinta, chamada da Madre de Deus, no Seixal e o pinhal da Saboeina que foi comprado por quatro contos e oitocentos mil réis. (12)

Por que razão comprariam os administradores estas propriedades é que eu não entendo.

Em 16 de Abril desse mesmo anno, é que o padre José Rosado, comprou, para a fundação do colégio, umas terras na Cotovia conhecidas pelo nome das *obras do conde de Tarouca*, por um conto e setecentos mil réis. (13)

Logo nesse mesmo mês começaram as obras para a construção do edificio que em fins de outubro tinha quasi concluidos os alicerces. Mas o azar ainda não tinha abandonado a fundação, que o almirante tomara tanto a peito, e sobreveio o terremoto do primeiro de novembro que inutilisou num momento toda a obra já feita.

O desanimo entrou com os administradores. Pouco depois do fracasso foi expulsa a companhia e confiscados os seus bens, em proveito do Estado. Os malaventurados dinheiros do almirante lá foram tambem pelo mesmo caminho e, quando o o marquês de Pombal dotou o colégio dos nobres, uma das dotações, com que ajudou a sua conservação, foi exatamente a desses bens. Mas para que a extorsão se não tornasse em demasia escandalosa por, a esses bens, se achar junta a clausula de que seriam para um colégio sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, que era a verdadeira possuidora da testamentaria, o famoso ministro mudou a invocação da antiga casa do noviciado, que era de Nossa Senhora da Assumpção e dotou o colégio com os bens do almirante. (14)

Extinto o colégio dos nobres, em 1828, passaram esses bens novamente para o Estado, que depois dotou com elles a nova casa de ensino, criada por decreto de 11 de janeiro de 1837.

Nossa Senhora da Conceição para quem o almirante sonhara um templo sumptuoso, com uma estatua de marmore, sobre uma coluna erguida diante da porta principal; que imaginara maravilhosas cerimonias liturgicas, em sua honra, e a cujos pés devia repousar o seu coração guardado num cofre de prata, ficou, sem pompa alguma, quasi desamparada do culto, sob o arco de pedra de uma das capélas da igreja do colégio dos nobres.

As proprias alfaias que legou para seu adôrno, preciosos relicarios, corôas, doceis, turibulos, castiçaes, cruzes e outros objetos, desapareceram tambem como por encanto, levando o sumiço misterioso de todas as suas opulencias. Casnedi conseguira ocultá-las da rapina de Carlos 3.º mas não as puderam salvar os administradores futuros da testamentaria.

A imagem está hoje, em S. Mamede, salva do incendio de 1843, de que em breve vamos falar. Tem cinco capelães pagos pela escola politecnica, mas ha annos que ali se não dizem missas das muitas que o almirante lhe mandava rezar. (15)

O cofre de prata que devia conter o coração do piedoso fundador, foi vendido, talvez por lapso, a D. Pedro 2.º, juntamente com as outras pratas do espólio. Em que tesouro de capela parará elle hoje?

Nunca a vontade de um morto foi menos respeitada. O tempo e o esquecimento de tudo deram conta; dos ossos do pobre D. João de Cabrera e dos setecentos contos de réis, que elle deixou a Nossa Senhora, de que não restam hoje doze vintens para pagar uma missa.

G. DE MATOS SEQUEIRA.

(9) Imagem da Virtude, já citada.
(10) Livro 52 da coleção do Ministerio de Instrução Publica.

(11) Idem.
(12) Idem.
(13) Idem.
(14) Carta de doação ao colégio dos nobres. Maço 1.º Documento 25 da coleção do Juizo da Inconfidencia sob o titulo *Jesuitas e Tavoras*.
(15) O actual prior de S. Mamede, rev.º José Maria da Silva Livramento, tem trabalhado activamente para conseguir que sejam ditas naquella capela as missas que lhe são devidas, pelos capelães pagos pela escola politechnica. O procedimento deste paroco, sempre zeloso do seu logar e intelegentissimo no desempenho delle, é digno de justo e rasgado louvor.

Lagrimas e desesperos por *João Pedro da Silva Tavares, 1906*, Imprensa Libanio da Silva, Lisboa.

Este volume de versos compreende 135 pajinas de texto subordinado aos titulos seguintes:

«Pagina Escura, Horas de Morte, Agonias, De Joelhos, O Amôr e a Guerra, A Dôr nas Trevas, Desillusão, Ruinas.»

Seis estampas o ilustram, apresentando as primeiras duas, retratos do autôr, num dos quaes ele se exibe envergando uma especie de camisa de dormir e está de olhos em alvo.

Nos versos encontra-se uma palavra usada com frequencia durante o Carnaval!

O autôr pretende castigar a politica de vendilhões e a hipocrisia criminosa que tanto contribuem para a decadencia dos povos e para a miseria social.

Merece louvôres semelhante intento e revela Silva Tavares capacidade poetica; mas, um tal assunto, para produzir efeitos moraes dignos de apreço, requere mais aprumo de linguagem e melhor enerjia de conceito.

Um Guerra Junqueiro, que o autôr cita na pajina 91, haveria suprimido certas expressões e outras empregaria que tornariam superiormente recommendavel o merecimento do livro, *Lagrimas e Desespero*.

Não conhecemos a pessoa do autôr e até mesmo não nos lembra ter ouvido ou lido o seu nome anteriormente a esta data.

Assim, ignoramos quem seja, o que, porém, a leitura do volume nos não permite ignorar, é que, possue inteligencia, bastante erudição e sentimento da patria portuguêsa.

O Palhaço — Monolo dramatico em verso, por Thomaz d'Eça Leal — Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso — Lisboa.

Em bélos alexandrinos descreve o autor um desses episodios da vida dos saltimbancos que passam pelo mundo a fazer rir os outros, e quanta vez chorando no intimo a miseria da sua existencia Assim Eça Leal nos conta as torturas que passa um rapazito, que á porta da barraca grita incessante para o povo entrar, e vae cabriolando, gesticulando comicamente a provocar a gargalhada da multidão. Mas o desgraçado, minado de fome, já sem forças para maes, cae de vez, num dos saltos que dá, ficando morto!

E' bem descrito o quadro. O verso deslisa facilmente até final.

Bem longe de suppôr a funebre occorrencia,
Gonçalo, o pae de d'Alice, estão dá o signal
A fim de começar o *grande festival!*
Emtanto o velho observa o pallido creado.
Que treme, silencioso, olhando-o contristado.
Mas vem um camarada e exclama bruscamente:
— «Acaba de morrer teu filho, de repente!»
— «Brinquedo de mau gosto... — Oh! crê no que te digo;
«Tentava *equilibrar-se* e subito...
— Ai amigo...
«Eu sei de que meu filho acaba de morrer:
«Esteve a trabalhar dois dias sem comer!...»

Mapa de la provincia de Estremedura, *districtos de Leiria, Santarem, Lisboa — Cartas chorographicas, cuidadosamente executadas por pessoal technico sob a direcção do capitão de Engenheiros do exercito hespanhol D. Benito Chias y Carbó* — Barcelona — Estabelecimento editoral de Alberto Martin, etc.

Este mapa, assente em téla e dobrado em forma de livro, é facilmente portatil na algibeira, e contudo abrange a provincia da Extremadura com seus distritos perfeitamente destacados pelas cores, indicando todas as vias de communicação, rios, montanhas, povoações, etc, tudo claramente disposto, o que o torna de facil consulta e pratico. A estas vantagens acresce ainda a da modicidade do preço, 200 réis, achando-se á venda em todas as livrarias e na *Empresa do Occidente*.

NECROLOGIA

Oscar II, rei da Suecia

Ha dois annos e meio, em junho de 1905, o telegrafo transmitio a todo o orbe a noticia da deposição do rei Oscar da Suecia e Noruega, paises do extremo norte da Europa, onde graves acontecimentos politicos se passavam.

De facto, a Noruega declarava-se independente, aspirando á republica num grande anceio de separação da Suecia, com a qual estava unida desde o primeiro quartel do seculo XIX, quando aquelles dois paises se desanexaram da Dinamarca, em 1814.

O rei Oscar, que desde 1872 presidia em santa paz aos destinos das duas nações unidas, defendeu, como lhe cumpria, os seus direitos, sem contudo recorrer á violencia das armas, acendendo a guerra civil.

Reuniram-se as côrtes de um e outro lado e chegaram a acôrdo sobre a separação, mas conservando a Noruega o governo monarquico, como o que mais lhe convinha, e resolvendo aceitar por soberano um principe da familia do rei Oscar, conforme este monarca havia proposto. Assim terminou honrosamente o grave conflito, com grande admiração dos outros paises a que aquelle povo deu grande lição de sensatês e provou o adiantado de sua civilisação, pois tudo resolveu pela razão e conforme suas aspirações, sem emprego da força e desrespeito das consciencias.

O rei Oscar, porém, não passaria incolume por estes acontecimentos que tão de perto lhe tocavam, e se a sua razão e grandesa de animo o aconselharam a ceder ás aspirações dos norueguêses, seu coração havia de sofrer forte abalo ao vêr desmembrar seus reinos, que, por ventura, tanto amaria e que ajudara a pacificar quando subiu ao trono herdado de seus maiores.

O rei subiu no conceito geral por tão raro exemplo de abnegação com que seguramente evitou o derramamento de sangue do seu povo, mas o homem sofreu profundo desgosto que o foi minando até seu completo anniquilamento

S. M. O REI OSCAR II DA SUECIA

Um telegrama de Stockolm, de 8 do corrente, communicou:

«O rei Oscar expirou ás 9 horas e dez minutos, sem agonia aparente. Estava rodeado de toda a familia.»

Oscar II, Frederico, rei da Suecia e Noruega, de Goths e de Vendes, nasceu em Stockolm a 21 de janeiro de 1829, sucedeu no trono a seu irmão, Carlos XV, em 18 de setembro de 1872. Casou em Biebrich (Nassau) a 9 de junho de 1857 com a princesa de Nassau, Sofia Guilhermina Mariana Henriqueta, que nasceu em Biebrich a 9 de julho de 1836.

De seu consorcio nasceu o principe Oscar Gustavo Adolfo, no castélo de Drottningholm, a 16 de junho de 1858, e que ora vae suceder no trono a seu pae.

O trono surpreendeu Oscar II em condições semilhantes ás que se deram com o falecido monarca português D. Luis I, pois que, como este, sucedeu a seu irmão Carlos, como se disse, sendo o principe Oscar almirante, tendo feito repetidas viagens. Era tambem, como aquelle rei português, muito ilustrado e amante das letras e das artes, que muito protegeu, e de sua lavra imprimiu varias obras em prosa e em verso.

Era doutor honorario das universidades de Boulogne, de Leyds, de Eslanger, de Oxford, de Cambridge e de Vienna. Socio das Academias das Ciencias de Berlim, de S. Petersburg e de Lisboa, para que foi eleito depois da sua viagem a Lisboa em 1888, em que veio visitar el-rei D. Luiz, de quem era muito amigo e com o qual se correspondia frequentemente sobre assumptos de arte e literatura.

Dotado de grande firmesa de animo e de espirito imparcial e justo, foi varias vezes escolhido como arbitro para dirimir questões internacionaes, como a de 1889 entre a Alemanha, Inglaterra e os Estados Unidos, por causa da ilha de Samoa; entre a Inglaterra e os Estados Unidos, em 1897; e entre a Italia e a Argentina, em 1898.

A morte do rei Oscar foi profundamente sentida em toda a Suecia e Noruega, e em Stockolm toda a cidade se cobriu de luto, resando-se oficios em todos os templos, onde o povo concorreu.

Logo que se deu a morte do rei, reunio o conselho de ministros e os princepes prestaram juramento ao novo soberano, herdeiro do trono, Oscar Gustavo, do qual breve nos ocuparemos.